

## **MULHERES ROMANAS, MULHERES HOJE: O QUE MOEDAS ANTIGAS NOS PODEM FAZER PENSAR E DIZER?**

**BÉLO, TAIS PAGOTO. *A FORÇA DAS MULHERES ROMANAS POR MEIO DAS MOEDAS E UMA CRÍTICA FEMINISTA DO PASSADO PARA O PRESENTE*. CURITIBA: APPRIS, 2024.**

**Heloisa Motelewski<sup>1</sup>**

“Daí a César o que é de César”. Uns dos mais famosos dizeres de Jesus, registrado no livro bíblico de Mateus (22, 21), talvez seja um dos maiores exemplos da visão popular sobre a relação entre a moeda e o Império Romano (vivemos, sobretudo, em uma sociedade majoritariamente cristã). Antes de mais nada, esta enunciação assume um imaginário comum sobre uma pretensa ganância e sede de poder entre os antigos romanos. Esta é uma figuração presente também em distintas representações culturais contemporâneas, perpassadas pela pintura, pela música e pelo cinema. Sublinhamos: entre os antigos romanos, no masculino. As figuras que primeiro surgem em nossa mente quando esse imaginário vem à tona são os *homens romanos*. As reproduções atuais de moedas antigas, feitas até mesmo com interesse ornamental e decorativo, trazem em si bustos de homens, representações de uma Antiguidade masculina – ou, melhor, *masculinizada*.

---

<sup>1</sup> Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná (PPGHIS/UFPR) (2025-atual). [heloisamotelewski@gmail.com](mailto:heloisamotelewski@gmail.com)

Afinal, a criação deste discurso, o qual assume primordialmente o campo visual e narrativo, faz parte de um processo histórico de atribuição de caracteres masculinos às escalas de atuação pública e política no Império Romano. Esta é uma tendência cultural que foi revisita e questionada pela leitura do mais novo livro de Taís Pagoto Bélo, *A força das mulheres romanas por meio das moedas e uma crítica feminista do passado ao presente*. A autora, pós-doutora em Arqueologia Clássica pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, em Numismática pela Université Libre de Bruxelles, em História Cultural pela UNICAMP e em Arqueologia Pública pela University College of London, nos proporciona, nesta publicação do ano passado, uma interessante reflexão sobre a presença representativa de mulheres entre as moedas romanas, ocupando, por este modo, seus espaços públicos e seus discursos simbólico-políticos.

E não só. Bélo vai além ao atender às necessidades constantes de se ler o passado segundo o presente – um movimento preciso e inevitável, de acordo com a ótica dos Estudos de Recepção (HARDWICK, 2003). A partir de sua aproximação com a materialidade numismática antiga, a historiadora nos concede um espaço imprescindível para ponderar sobre o lugar das mulheres na atualidade brasileira, estabelecendo interessantes paralelos a partir de questões como a representatividade e as violências de gênero. Eis uma originalidade para o campo numismático, conforme nos indica o autor do primeiro prefácio desta obra, François de Callataÿ: sua proposta abertamente feminista, em uma importância identitária tecida junto a esta área de estudos.

Para além desta novidade, Vagner Carneiro Porto, em segundo prefácio do livro, realça a importância deste texto de Bélo por se dedicar a um estudo da presença feminina dentre um dos suportes mais importantes para a construção de uma memória romana: as moedas. Na apresentação

de seu livro, a autora define o recorte temporal e temático para trabalhar com esta documentação na figuração de mulheres imperiais entre o final da República e o início do Império: Fúlvia, Otávia, Lúvia, Agripina Maior e Agripina Menor. Com este intuito, contrapõe a narrativa de fontes escritas às fontes históricas materiais, ao que estabelece como problema: onde encontrar a atuação feminina nos jogos de poder neste corpo documental? As moedas, ao colocarem em perspectiva o poder masculino, acabaram também por evidenciar uma faceta do poder feminino – afinal, não podemos esquecer que a história dos gêneros possui muito a se considerar também pelas ausências, pelos espaços (des)ocupados no quadro social e político.

Sendo assim, revela ser este seu trabalho parte das preocupações feministas e pós-modernas. Procura por alternativas ao estudo do patriarcado em comparações da Antiguidade com a atualidade, pontos de provocações para reflexões sobre tais estruturas de dominação. Logo, ao percorrer a historiografia dedicada ao mundo antigo, destaca, principalmente desde os apontamentos de Eleonor Scott (1995), a marginalização de temas que demarcam a agência de mulheres. Este processo advém da própria exclusão feminina em muitas das fontes antigas, mas não apenas: igualmente ocorre por temor de uma inclusão efetiva por parte de óticas masculinas, assim como pela exclusão inerente aos espaços universitários (centro de pesquisas) atuais. De então, constitui seu interesse nos papéis de liderança e na independência feminina, reconstituindo o passado por meio de uma leitura presente sobre as moedas romanas.

Para construir o seu texto, a escritora dedica seu primeiro capítulo a uma contextualização sobre *A Mulher Romana no início da República e final do Império*. Nestas páginas, descreve a figuração matronal das mulheres da antiga Roma, trespassadas por um consciente coletivo alicerçado no ideal

da *puđicitia*, combinando nele o autocontrole e a vergonha. No corolário, a violência de gênero é percebida sendo movida pelos discursos religiosos e históricos; neles, o estupro retratado pelos romanos em termos míticos e heroicos aos homens (uma similitude patriarcal com a atual definição da *cultura do estupro*). Há, ainda, preocupação da autora para com o discurso jurídico, cujas consternações eram fundamentalmente pautadas no capital simbólico, na hereditariedade e na transmissão dos bens dos membros masculinos de uma família.

No contrapelo a esta situação meramente dominante, a arqueóloga nos revela uma maior complexidade na interação entre os gêneros na antiga sociedade romana a partir da ação feminina junto ao Patronato. Emergem, conforme relata, tensões e concessões pertinentes ao jogo de poder, resistências formuladas desde a própria linguagem e simbolismo de dominância, tais como a propaganda monetária. No suporte numismático, observa, então, a inserção da representação de mulheres de elite, tomadas como meio de corporificar valores sociais, muitas vezes por atributos físicos, como o cabelo em tipo *nodus*. Por conseguinte, defere como, a partir dos anos 40 a.C., seriam elas cunhadas em faces de moedas como meio de promoção da família imperial, exaltando suas qualidades de matronas.

Dado este panorama, o livro nos direciona para as mulheres imperiais selecionadas pela estudiosa, cujas representações numismáticas constituem o objeto de seu estudo. A primeira delas, Fúlvia, é por ela realçada por sua participação política extensa após o assassinato de Júlio César. Tal e qual demonstra em suas considerações, sua associação matrimonial com Marco Antônio, bem como seu comportamento ativo na política, teriam dela feito uma mulher má quista pela literatura – seus autores a criticavam por “agir como um homem”. No entanto, destaca: foi a primeira mulher romana a estar

presente em moedas, correntemente mesclada a signos divinos bélicos, como a atributos de Atena e Vitória/Nike.

Com uma imagem construída no completo contrário de Fúlvia, a escritora dedica seu quarto capítulo aos retratos de Otávia, uma “matrona romana ideal”. Seria ela, em concordância com sua análise, uma representação do papel feminino esperado junto à política, restrito ao casamento e ao Patronato – este, retoma, com o intuito de favorecer a imagem de seus maridos e filhos. Por meio de sua relação matrimonial com Marco Antônio, verifica a sua ascensão em motivos imagéticos como uma figura associada à concórdia e à passividade esperada das mulheres. Inclusive, possuindo uma cunhagem em que aparece em posição de igualdade a seu marido. A autora a examina em oposição, ainda, a Cleópatra, negatizada por escritos romanos antigos por seu poder político extenso. Em moedas, contudo, seria representante da notoriedade das mulheres imperiais em suas facetas, ora apresentada junto ao seu herdeiro romano, Cesário, ora sendo detentora da primeira indicação de nome feminino na história das moedas romanas. Estamos diante da evocação literária dos ciúmes entre as mulheres de Antônio – uma assumpção patriarcal; um paralelo de nossa leitura entre antigo e contemporâneo, da rivalidade feminina pela atenção masculina, em embate com a sororidade defendida pelo feminismo moderno.

O seu quinto capítulo reforça, então, este argumento de que seriam as mulheres um ponto de propaganda política de seus familiares imperadores. Nos encontramos, aqui, diante de Lívia, cuja efígie reproduzida em moedas serviu como um elo de conexão entre seus filhos e sucessores para com o governo de Augusto. Suas primeiras aparições numismáticas estariam com a regência de Tibério, seu filho, mesmo que ele tentasse distanciar-se da imagem ovacionada de sua mãe. Afinal, atingira ela grande sucesso público

em vida desde sua atuação religiosa, com um imaginário rodeado por sua *pudicitia*, vinculada a Vesta e outras deusas de cultos provinciais. Lançaria, considera a autora, as bases para a concessão de privilégios inexistentes anteriormente às mulheres dedicadas à casa imperial.

No limbo e nas disputas de aparições positivas e negativas, encontramos o exame sobre o caso de Agripina Maior, vista, conforme a arqueóloga, como importante matrona. Sua história perpassaria, pois, certo heroísmo com sua atuação militar em favor de seu marido, ainda que o campo da guerra não fosse tido pelos romanos enquanto algo “feminino”. Sem embargo, seu filho, Calígula, usaria de sua relação filial para afirmar sua linhagem e sua posição imperial, bem como o faria sua irmã, Agripina Menor. Ela sim, disserta a historiadora no sétimo capítulo, teria uma aparição completamente abominada entre os autores antigos: símbolo da influência feminina sobre a política, fora encarada como responsável pelos retrocessos do governo de seu filho, Nero. Ainda assim, a funcionalidade de sua representação feminina familiar seguiria como um meio de se afirmar a linhagem dos antepassados imperiais. Tal consideração arremata, então, uma das argumentações deste livro: a dominação simbólica é reassumida pelos dominados (aqui, as mulheres imperiais), mas se mantém favoráveis a certos aspectos da estrutura dominante, ao agir em favor das representações e das propagandas masculinas.

Bélo nos leva a encarar, dessarte, a existência de intencionalidades políticas em meio à cunhagem de retratos femininos nas moedas romanas. Carregadas de valores domésticos e familiares, essas mulheres alcançam o espaço público simbolizando a sua adesão ao Patronato e às qualidades de uma matrona e sua *pudicitia*. Porém, não alheia ao projeto de dominância masculina, ainda que dele se apropriasse dos sistemas de difusão simbólica para tensionar as relações de gênero desta sociedade. Não sem ocupar,

neste jogo, um papel secundário. Secundarização esta, define, uma tendência secular, pelo que admoesta para que a mulher romana serve como um paralelo à mulher atual. E, por consequência, nos permite reflexões sobre as violências de gênero e as construções identitárias inerentes a esses processos histórico-sociais.

Concluimos: moedas são mais que um artefato antigo, perdido no tempo. São pontos amálgama de memória, de construção de identidades com o passado. Por isso, a relevância deste empreendimento analítico de Bélo. Estamos diante de novas possibilidades de reflexão crítica sobre as questões e os problemas de gênero ao olharmos para como a nossa memória foi e segue sendo construída. Os meios pelos quais a nossa identidade, alicerçada em signos visuais patriarcais que beiram a numismática da Antiguidade, se formou e permanece sendo formada. Precisamos olhar para as mulheres romanas, as mulheres de ontem, para pensar como queremos e devemos nos posicionar diante das discussões de gênero da atualidade. A Antiguidade não está perdida no tempo, tampouco carece de significados presentes. Estamos significando suas vivências *para* e *por* nossas vivências de agora – então, que possamos, como Tais Bélo nos requere e nos possibilita com este texto imprescindível, ler este passado para permitir experiências mais livres, menos patriarcais, e, assim, distantes das violências de gênero.

## REFERÊNCIAS

- HARDWICK, Lorna. *Reception Studies*. New York: Cambridge University Press, 2003.
- SCOTT, Eleonor. Women and gender relations in the Roman empire. In: RUSH, P. (ed.). *Theoretical Roman Archaeology: second conference proceedings*. Aldershot, Avebury, 1995. p. 174-189.